

PIBID PEDAGOGIA: ENFRENTANDO O SEXISMO NAS TURMAS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Ivânia Pereira Costa⁽¹⁾; Ana Paula da Silva⁽²⁾; Renata Paz Torres⁽³⁾; Jamesson Almeida Costa⁽⁴⁾; Tereza Cristina Cavalcanti de Albuquerque⁽⁵⁾

⁽¹⁾ Estudante do curso de Pedagogia, bolsista PIBID/CAPES, Universidade Federal da Alagoas; Arapiraca-AL, ivaniacosta90@hotmail.com; ⁽²⁾ Estudante do curso de Pedagogia, bolsista PIBID/CAPES, Universidade Federal da Alagoas, anpaul_net@hotmail.com; ⁽³⁾ Estudante do curso de Pedagogia, bolsista PIBID/CAPES, Universidade Federal da Alagoas, dadati3_paz@hotmail.com; ⁽⁴⁾ Professor da Rede Municipal de Ensino de Arapiraca-AL, bolsista PIBID/CAPES; ⁽⁵⁾ Professora da Universidade Federal de Alagoas, Coordenadora do Subprojeto PIBID Pedagogia, bolsista PIBID/CAPES.

Resumo: O presente trabalho descreve e analisa situações vivenciadas no âmbito do Programa Institucional de Iniciação à Docência (PIBID) do curso de Pedagogia/UFAL/*Campus* Arapiraca, no que se refere às práticas de sexismo entre os alunos e alunas do Ensino Fundamental. As observações foram desenvolvidas em uma escola municipal de tempo integral da cidade de Arapiraca-AL, envolvendo três turmas do 3º ano do Ensino Fundamental participantes do PIBID/UFAL. O objetivo deste estudo foi analisar de forma sistemática a prática sexista existente entre o corpo discente de uma escola municipal para estabelecer ações efetivas de combate e superação do sexismo na escola. Os dados foram coletados a partir de observações *in loco* e análise do registro no 'diário de bordo' realizado pelo grupo de pibidianas atuantes nesta escola e pelos professores supervisores. Como resultados foram identificadas práticas sexistas como determinantes da participação de alunos e alunas durante as atividades desenvolvidas pelo PIBID/UFAL e ações praticadas pelas pibidianas e supervisores para a superação desta limitação. Agência financiadora: PIBID/CAPES.

Palavras-chave: Formação de Professores, Cotidiano Escolar, Práticas Sexistas.

Abstract: This paper describes and analyzes situations experienced within the Institutional Program for Introduction to Teaching (PIBID) Course Pedagogy/UFAL/*Campus* Arapiraca, with regard to the practices of sexism among male and female students of elementary school. The observations were conducted in a municipal school full time in the city of Arapiraca-AL, involving three groups of 3rd year of elementary school participants PIBID/UFAL. The aim of this study was to analyze systematically the sexist practice existing between the student body of a municipal school for effective action to combat and overcome sexism in school. Data were collected from on-site observations and analysis of the record in 'logbook' performed by the group of active pibidianas this school teachers and supervisors. As results sexist practices as determinants of participation of male and female students were identified during the activities of the PIBID/UFAL and deeds done by pibidianas and supervisors to overcome this limitation. Funding agency: PIBID/CAPES.

Keyword: Teacher Education, School Everyday, Practices Sexist.

Introdução

A constituição social dos papéis a serem desempenhados por homens e mulheres é reproduzida dentro das diversas instituições sociais. A escola contribui nesta formação e disseminação do que se espera do comportamento de cada um, colaborando para a identidade de gênero. Segundo Strey, Cabeda e Prehn, (2004, p. 13) que explicam no livro *Gênero e Cultura* essa diferença entre os gêneros ocorreu a partir de uma hierarquização que estigmatizou o gênero feminino como inferior ao gênero masculino:

Responsáveis pelas construções conceituais, hierarquizaram a história, com os dois sexos assumindo valores diferentes; o masculino aparecendo sempre como superior ao feminino. Este universalismo que hierarquizou a diferença entre os sexos, transformando-a em desigualdade, mascarou o privilégio do modelo masculino sobre a pretensa neutralidade sexual dos sujeitos.

A partir dessa certeza, buscou-se, na instituição escolar em que o projeto PIBID é realizado, atuar para a superação dessa desigualdade construída socialmente e que provoca forte separação entre grupos de meninas e meninos. Este fato foi percebido desde os primeiros momentos de observação realizados na escola e todos a viam como sendo algo natural e comum. Neste sentido foi percebido que na sala de aula meninos sentavam de um lado e meninas do outro, quando os trabalhos deveriam ser realizados em grupo nenhum menino queria sentar ao lado de uma menina e vice-versa. Sobre esse assunto, Finco (2003, p.99) comenta que:

Apesar de estas questões estarem implícitas no dia-a-dia da escola, permeadas nas práticas pedagógicas, ainda estão longe das discussões nos cursos de formação do professor e pouco se discutem as questões de gênero no âmbito de reuniões pedagógicas. Devemos nos perguntar o porquê dessa ausência; o que significa não discutir as questões de gênero e o que isso implica. Por que a escola parece propor um "acordo do silêncio"?

A escola reproduz as discriminações existentes, mas também pode atuar como superadora destas limitações ao desenvolvimento pleno do indivíduo. Igualdade, essa é a palavra. É a partir dela que educadores devem trabalhar para deixar de lado o sexismo que há anos vem sendo alimentado na escola. São gestos que parecem inofensivos, mas que só fazem aumentar essa discriminação sexista entre meninos e meninas: orientações que definem uma fila de meninos de um lado e uma fila de meninas de outro, trabalhos em grupo ou em dupla que são sempre constituídos por crianças do mesmo sexo, brincadeiras e brinquedos que são classificados também por gênero, etc., tudo só faz crescer esse sexismo.

Faz-se necessário entender que não há razão para a discriminação entre gêneros. Por isso objetivamos atuar para levar os alunos e alunas a compreenderem que a parceria entre diferentes gêneros pode dar tão certa ou ainda melhor que com gêneros iguais durante as brincadeiras, o debate de ideias, a exploração de novos conhecimentos e as demais atividades. A exploração a brincadeira deve ser algo prazeroso e não é preciso ser dividido entre brincadeira de menino ou de menina; e a aceitação pelo gosto e a opinião dos demais colegas de sala independente do gênero.

Na escola sempre houve separações, já nos diz Louro em seu livro *Gênero, sexualidade e educação* de 1997, uma dessas separações é a de gênero, descobrir que essa separação não está correta é o primeiro passo para que haja uma mudança, unidos poderemos formar cidadãos mais conscientes de que deve haver mais igualdade na sociedade.

Procedimento Metodológico

O primeiro passo para a realização dessa pesquisa foi a observação que as pibidianas fizeram ao iniciar o projeto na instituição, nessa observação o mais evidente trabalho a ser desenvolvido na sala foi a superação da separação entre os gêneros, pois as crianças atuavam sempre baseadas na separação entre os gêneros. Em seguida falamos sobre o assunto em uma de nossas rodas de formação, estudamos o texto *Relações de gênero nas brincadeiras de meninos e meninas* de Daniel Finco e a partir desse estudo debatemos sobre como intervir para modificar a situação da turma. Ainda nesse estudo cada participante (pibidianas e supervisores) contribuiu com um texto sobre a temática em questão e todos puderam escrever de forma livre sobre suas opiniões fundamentadas no estudo e sobre as atitudes necessárias para modificar essas práticas sexistas na instituição. A partir daí começamos a fazer todos os planejamentos de intervenção colocando trabalhos em grupo e, em sala de aula, fizemos o possível para que esses grupos fossem organizados de forma heterogênea entre meninos e meninas.

Resultados e Discussões

O primeiro objetivo da presente pesquisa foi analisar o motivo dessa forte separação na turma em questão, essa análise obteve êxito, pois identificamos que essa separação não era algo biológico, mas sim algo trazido diariamente através de práticas sexistas desenvolvidas involuntariamente por instituições familiares e de ensino. Em se tratando de intervenções em sala, no começo não foi fácil modificar essas práticas sexistas pois as crianças estavam acostumadas a conviver separadamente, por isso algumas resistiram bastante em interagir com colegas do sexo e uma menina até chorou pois não queria ficar no mesmo grupo que os meninos, mas através de várias conversas eles acabaram entendendo que não há motivos para essa separação e mais uma vez obtivemos êxito.

Conclusão

O nosso papel é de não propagadores dessa separação por gênero, precisamos entender que os tempos mudaram, a mulher conseguiu ocupar seu espaço e na atualidade não há nada que a torne inferior ao homem. Não podemos fortalecer essa separação, não devemos formar duas filas uma para cada gênero, não devemos fazer trabalhos em grupo separando meninos e meninas, afinal, devemos criar sujeitos autônomos e eles podem e devem decidir com quem desejam se relacionar.

Dessa forma, essa pesquisa fez-nos perceber que esse problema com o sexismo deve ser superado e que não é tão difícil, basta entender o quanto essa superação é necessária para que as crianças convivam de forma igualitária. Meninas e meninos convivendo juntos e com a certeza de que nenhum é superior ao outro, esse é o caminho para termos uma sociedade adulta que de fato deixe de lado o machismo e entenda que não somos diferentes, pois independente de ser homem ou mulher, somos humanos e merecemos tratamento igualitário.

Referencias

STREY, Marlene Neves; CABEDA, Sonia T. Lisboa; PREHN, Denise Rodrigues. **Gênero e cultura: uma questão contemporânea**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

FINCO, Daniela. **Relações de gênero nas brincadeiras de meninos e meninas na educação infantil**. Pro-Posições, v. 14, n. 3 (42) - set./dez. 2003.